



**UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
COORDENAÇÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Amanda Raquel Rodrigues Pessoa

LAZER, ESCOLA E JUVENTUDE: ALGUMAS APROXIMAÇÕES

**CRATO-CE
2007**

AMANDA RAQUEL RODRIGUES PESSOA

LAZER, ESCOLA E JUVENTUDE: ALGUMAS APROXIMAÇÕES

Monografia apresentada ao Curso de Educação Física da Universidade Regional do Cariri como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

Orientadora: Ms. Alana Mara Alves Gonçalves.

AMANDA RAQUEL RODRIGUES PESSOA

LAZER, ESCOLA E JUVENTUDE: ALGUMAS APROXIMAÇÕES

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Departamento de Educação Física da Universidade Regional do Cariri como requisito final para a obtenção do título de Licenciada em Educação Física, aprovada pela Banca Examinadora em 12/09/07:

Prof^a. Ms. Alana Mara Alves Gonçalves - URCA

Prof^o. Ms. Lucas Vieira de Lima Silva - URCA

Prof^o. Ms. Evilásio Martins Vieira – URCA

Dedico esta monografia a todas e todos os educadores que acreditam na construção de uma educação de qualidade, que põem limites ao processo de alienação imposto pelo sistema. Em particular dedico esta obra a familiares, amigos e professores, os quais influenciaram e influenciam a construção do meu mundo.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço a Deus, por ter me dado forças para continuar a referida graduação, após tantas dificuldades. Em particular aos professores: Ms. Evilásio Martins Vieira, Ms. Alana Mara Alves Gonçalves e Ms. Lucas Vieira de Lima Silva os quais foram de grande valia para a escolha, desenvolvimento e aprimoramento desta monografia.

Agradeço a meu namorado José Mário por ter compreendido os momentos de isolamento a que me dediquei para a construção desta obra e aos jovens da pesquisa que disponibilizaram uma parte do seu tempo contribuindo para este trabalho.

“O lazer acorda e conserva em nós a eterna aspiração de sermos artistas e donos, responsáveis de nossos próprios atos”.
(D. Paulo Evaristo Arns, 1986)

“O emprego sábio do lazer é fruto de civilização e de educação. Um homem que tenha trabalhado muito durante toda a sua vida ficaria entediado com uma ociosidade repentina”.
(Bertrand Russel, 1977)

RESUMO

Este trabalho é uma exigência do curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade Regional do Cariri – URCA, ele tem por meta conquistar a aprovação na referida graduação. O tema abordado é o lazer, o qual é relativamente recente no universo acadêmico e possui inúmeras reflexões. Este trabalho monográfico irá analisar e discutir o lazer para os jovens do ensino médio, na perspectiva de refleti-lo no universo escolar, buscando perceber-lo enquanto necessidade social. Especificamente, cabe a este trabalho identificar quais as práticas mais frequentes entre os jovens da pesquisa, verificando como eles utilizam o seu tempo livre e quais as suas áreas de interesse quanto à questão do lazer. O campo de investigação foi a Escola de Ensino Fundamental e Médio Estado da Bahia da rede pública da cidade de Crato. Realizou-se um estudo de natureza exploratória, tendo sido utilizado para coleta de dados a observação assistemática, questionários estruturados e perguntas norteadoras para a elaboração de um texto pelos alunos. Pretendeu-se analisar de forma crítica todo material, buscando compreender os fenômenos sociais, e suas contradições. Com relação aos significados atribuídos ao lazer, pelos jovens da pesquisa pode-se constatar que os mesmos possuem uma visão funcionalista do lazer, assumindo características de lazer alienado, bem como ser as conversas cotidianas a principal vivência de lazer entre os jovens. Fato influenciado pelas questões socioeconômicas e o medo da violência. Por fim os jovens da pesquisa acreditam que a escola poderia oferecer mais lazer, porém a mesma restringe seu lazer a biblioteca, Educação Física e festinhas cotidianas.

Palavras-chave: Lazer – Escola – Juventude

ABSTRACT

This work is a requirement of the course of Full Licenciatura in Physical Education of the Regional University of the Cariri - URCA, it have for goal to conquer the approval in the cited graduation. The boarded subject is the leisure, which is relatively recent in the academic universe and possess innumerable reflections. This monographic work will go to analyze and to argue the leisure for the young of average education, in the reflected perspective it in the pertaining to school universe, being searched perceives it while social necessity. Specifically, it fits to this work to identify to practical which the most frequent ones between the young of the research, verifying as they use its free time and which its areas of interest how much to the question of the leisure. The inquiry field was the School of Been Basic and Average Education of the Bahia of the public net of the city of Crato. A study of exploratory nature was become fulfilled, having been used for collection of data the assistemática comment, structuralized questionnaires and nonreaders questions for the elaboration of a text for the pupils. It was intended to analyze of all material critical form, searching to understand the social phenomena, and its contradictions. With regard to the meanings attributed to the leisure, for the young of the research it can be evidenced that the same ones possess a functionalist vision of the leisure, assuming characteristic of mentally ill leisure, as well as being the daily colloquies the main experience of leisure between the young. Fact influenced for the socio-economics questions and the fear of the violence. Finally the young of the research believes that the school could offer more leisure, however, the same one restricts its leisure the library, Physical Education and daily little parties.

Word-key: Leisure - School - Youth

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO I	
Diferentes Significados do Lazer.....	13
CAPÍTULO II	
Relacionando: Lazer, Escola e Juventude.....	24
CAPÍTULO III	
Analisando os Dados.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	52
APÊNDICES.....	55

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma exigência do Curso de Educação Física da Universidade Regional do Cariri – URCA, e tem por meta conquistar a aprovação na referida graduação.

A temática escolhida como campo de aprofundamento foi o lazer, este é um campo de investigação relativamente recente por muito tempo considerado um assunto de menor importância, muitas vezes não sendo reconhecido como um direito social, como outro qualquer.

As preocupações com o lazer no Brasil surgem inicialmente nas universidades na década de 70. É neste período que o lazer deixa de ser concebido exclusivamente como oportunidade de descanso e entretenimento, sendo visto também como espaço de consumo e um potencial instrumento para a veiculação de normas e valores consonantes com os interesses econômicos da racionalidade produtiva, firmando-se uma política especial para o setor. O lazer passa a ser tratado como direito social devendo sua prática ser estendida por todo o Estado brasileiro (Sant ‘ Anna, 1994, apud Mascarenhas, 2001).

Desta forma, o lazer é concebido como arma de controle social, sendo derivadas desta concepção, as abordagens funcionalistas¹ do lazer, as quais colaboram para a garantia da ordem social, necessária ao projeto de desenvolvimento econômico do país.

A partir da década de 80, o lazer começa timidamente a fazer parte de programas governamentais e de forma mais estruturada de debates acadêmicos, despontando uma nova vertente com grandes seguidores, como por exemplo Nelson Carvalho Marcellino².

Atualmente, o lazer vem sendo tomado como uma problemática social de grande relevância, constituindo-se enquanto objeto de estudos e intervenções, de diversas instituições sejam estas estatais ou privadas. É também um campo de

¹ Sobre as abordagens funcionalistas do lazer, Nelson Carvalho Marcellino (1987) sugere a seguinte classificação: românticas e moralistas, situando o lazer dentro de uma perspectiva nostálgica apontando para a necessidade de manutenção de certas tradições e defendendo hábitos, crenças e valores onde a exaltação da instituição família tem forte presença; compensatórias que, vendo o trabalho como tempo e espaço de alienação, acreditam no lazer como uma possibilidade de fuga individual às insatisfações; e utilitaristas que potencializam as atividades de lazer como instrumento de recuperação e manutenção da força de trabalho.

investigação multidisciplinar, pois está ligado a diferentes áreas do conhecimento científico, destacando-se, entre outras, as de Ciências Sociais, Psicologia, Comunicação Social, Educação e Educação Física.

A análise da temática terá como ponto de partida à educação, o que não nos impede de utilizar de diferentes fontes, para melhor compreender o fenômeno. O que se deseja é alimentar uma reflexão que auxilie na compreensão do lazer enquanto prática social e pedagógica.

Assim, este trabalho monográfico irá analisar e discutir o lazer para os jovens do ensino médio, na perspectiva de refleti-lo no universo escolar. Buscando percebê-lo enquanto necessidade social. Visto que é possível uma educação não apenas voltada para o trabalho, mas também em uma educação para o lazer. Sendo a escola o lugar onde os jovens passam uma grande parte do tempo, cabe a ela ajudar nesta reflexão.

Diante do exposto, em termos gerais, o objetivo desta pesquisa foi o de fazer uma análise da compreensão que os jovens da Escola de Ensino Fundamental e Médio Estado da Bahia têm acerca do lazer, realizando uma discussão sobre a importância da educação para o lazer, visto ser um canal possível para a transformação da educação e conseqüentemente da sociedade.

Na sua especificidade, cabe neste trabalho refletir sobre o lazer enquanto elemento fundamental no processo educativo, bem como identificar quais as práticas mais freqüentes dos jovens do ensino médio da Escola Estado da Bahia, verificando como eles utilizam o seu tempo livre e quais as áreas de interesse dos mesmos quanto à questão do lazer.

Da mesma forma, ainda é objetivo deste trabalho fazer uma análise dos interesses expostos pelos alunos e sua situação sócio-econômico, uma vez que se acredita que estas questões estão diretamente ligadas às práticas de lazer que os mesmos conhecem ou têm acesso.

Os jovens estudantes do ensino médio estão no momento de reformular suas concepções de mundo, vendo o que será essencial e o que será secundário para sua formação enquanto ser humano. Busca-se com os resultados desta pesquisa esclarecer a real concepção existente entre eles, e assim contribuir para a

² Para o referido autor o lazer deve ser visto enquanto espaço da vivência cultural, momento de expressão da vitalidade e da sensibilidade dos homens. (1987, p. 12). É válido acrescentar ser esta a visão a qual o referido trabalho está de acordo.

diminuição da evasão escolar, na busca de uma educação para o lazer em paralelo com a do trabalho de maneira que uma não predomine sobre a outra.

Mediante o exposto, espera-se que as escolas reconheçam que o lazer se constitui como uma esfera fundamental para a formação e motivação do indivíduo e invistam mais nesta questão. Não se deseja formar indivíduos eficientes no trabalho e incapazes de vivenciar de forma plena os momentos dedicados ao lazer.

O lócus de investigação escolhido foi a Escola de Ensino Fundamental e Médio Estado da Bahia da rede pública de ensino da cidade de Crato, esta possui em média 700 alunos matriculados. A escolha por este campo de investigação se deve pela ligação da pesquisadora com a comunidade escolar sendo mais possível o acesso aos dados. Outro aspecto que pesou na escolha da escola é o fato da referida instituição educacional apresentar problemas quanto à evasão escolar.

Esta pesquisa constitui-se num estudo de natureza exploratória, tendo sido realizada durante um bimestre (Maio/junho) de 2007. Neste período foi observado o que os jovens realizavam no tempo livre dentro da escola, bem como se coletou os dados necessários da pesquisa. Buscou-se entender a compreensão apresentada pelos jovens do ensino médio, quanto à questão do lazer e quais as atividades mais freqüentes entre os mesmos.

Quanto aos procedimentos de coletas de dados, utilizou-se a observação assistemática, questionários estruturados e perguntas norteadoras para a elaboração de um texto pelos alunos (APÊNDICES A e B). Também teve-se acesso a documentos da escola, para detectar a situação social da comunidade.

Por fim, organizou-se e processou-se as informações analisando todo o conteúdo da pesquisa. Levando em consideração tanto os fatores quantitativos quanto os qualitativos. Pretendeu-se analisar de forma crítica todo material estudado. Visando compreender os fenômenos sociais, e suas contradições.

Para efeito metodológico, o trabalho foi dividido em três capítulos relacionados entre si. O primeiro capítulo faz uma revisão da literatura acerca da história do lazer, procurando entender à evolução desta prática social. Logo em seguida apresenta, a partir de autores como Marcellino (1987), Bruhns (1997), Camargo (1998), Mello (2003), Oliveira (1997) e Mascarenhas (2001), os diferentes significados que o lazer possui na sociedade contemporânea. É neste momento que se discute entre outros, o caráter lúdico do lazer, os preconceitos existentes sobre o lúdico, o lazer enquanto

ruptura, a visão funcionalista do lazer e o lazer enquanto consumo na sociedade capitalista.

No segundo capítulo, a revisão da literatura esta voltada para o processo educativo, o espaço escolar, a juventude e a relação destes com o lazer.

É fundante para este trabalho discorrer sobre o estado que se encontra a educação, em particular, a do Brasil, pois o processo educativo onde os alunos estão submetidos prioriza a formação profissional em detrimento da humana. Esta atual situação pode provocar uma mudança de ordem social, no que diz respeito à condição humana do homem, fazendo-se necessário uma discussão a cerca das ações voltadas para a ampliação das práticas de lazer dos jovens.

Dedicou-se um espaço especial para conceituar o significado atribuído à juventude, mostrando as concepções equivocadas encontradas no senso comum.

Discutiu-se ainda as formas de lazer vivenciadas pelos adolescentes e a contribuição da escola para a diversidade de interesses para com estas práticas.

O terceiro capítulo é dedicado à análise dos dados da pesquisa, em que se discutiu sobre os resultados obtidos verificando se à hipótese³ até então pensada, pode-se confirmar ou se foi diferentes do que se pensou.

Ao final deste trabalho, é feito algumas considerações finais sobre a referida obra, procurando sempre assumir o papel de reflexão, de crítica e também o de educadora, comprometida com a mudança, com a transformação social.

³ Acredita-se na hipótese de que os jovens do ensino médio da cidade de Crato não possuem uma visão ampliada sobre as possibilidades relativas ao lazer, existe entre os mesmo uma concepção de lazer alienado e com isso acabam não utilizando suas diferentes dimensões. E as escolas, por sua vez, não demonstram perspectivas no âmbito do lazer e se apresentam pouco preocupadas com a melhoria da qualidade do tempo livre dos alunos.

CAPITULO I

DIFERENTES SIGNIFICADOS DO LAZER

São muitas as questões que envolvem a vida social do homem, e o lazer também se encontra como um fenômeno merecedor de algumas reflexões. Este tema é motivo de preocupação relativamente recente, sendo abordado até bem pouco tempo atrás principalmente a partir do enfoque do trabalho.

Os estudos sobre esta temática vem sendo aprofundados por diversos autores com diferentes abordagens, muitas vezes conflitantes, mas que buscam sempre identificar e caracterizar o lazer a partir das suas concepções e valores, procurando sair do senso comum para que se inicie uma discussão aprofundada acerca do assunto.

Uma das primeiras características apresentadas quanto ao lazer é seu caráter lúdico, neste sentido o sujeito estar desprovido de qualquer obrigação e o envolvimento nas atividades acontece apenas por que se deseja. Werneck (2003, p. 37) entende o lúdico como “[...] uma das essências da vida humana que instaura e constitui novas formas de fruir a vida social, marcadas pela exaltação dos sentidos e das emoções [...]”. Desta forma, o lúdico se apresenta como algo natural ao homem, uma construção social que varia conforme os valores e crenças que orientam determinada época e grupos sociais, sendo através dele que o “ser humano” expõe suas emoções, sensações e prazeres cada vez mais esquecidos pela sociedade contemporânea.

Ainda sobre a ludicidade Bracht (2003) concorda com as afirmações anteriores, mais acrescenta ser a ludicidade uma ação sentida e vivida, que não pode ser apreendida pela palavra, mas sim pela fruição e que qualquer definição corre o risco de negá-la. O que não o impediu de defini-la quando fala de suas características:

Sim, a ludicidade é fantasia, imaginação e sonhos que se constroem como um labirinto de teias urdidas com materiais simbólicos. A ludicidade é uma

tecitura simbólica fecundada, gestada e gerada pela criatividade simbolizadora da imaginação de cada um. Brincar acima de tudo é exercer o poder criativo do imaginário humano construindo um universo, do qual o criador ocupa o lugar central, através de simbologias originais e inspiradas no universo real de quem brinca. Os mundos fantasiosos do brinquedo revelam a fertilidade inesgotável de simbolizar do impulso lúdico que habita o imaginário humano (SANTIN, 1994, citado por BRACHT, 2003, p.161).

Através das palavras de Santin percebe-se uma contraposição do lúdico com a racionalidade técnica que orienta a produção capitalista, o que também pode ser identificada com relação ao lazer. As semelhanças que cercam o lazer e o lúdico são gritantes, muitas vezes se confundem, mas quando observado o contexto histórico que envolve esta questão, percebe-se que a ludicidade é algo mais antigo do que o termo lazer, sendo este último uma criação do modo de produção capitalista.

Começando esta análise histórica⁴ pela Grécia antiga é válido salientar que as práticas lúdicas e o desenvolvimento espiritual era um privilegio. E o trabalho era visto como algo sujo cabendo aos escravos realizá-los. Já na Roma antiga observa-se haver uma maior preocupação com o trabalho, mas ainda não se percebe uma separação entre o lazer e a ludicidade, e o tempo livre era dedicado à recuperação e preparação do corpo para a volta ao trabalho.

Vale ressaltar que as atividades de diversão das camadas populares naquele período tinham a função apenas de distração sem nenhum tipo de reflexão, cabendo apenas a elite fazê-la e isso permanece até os dias atuais.

Nos tempos medievais, começa-se a estabelecer limites para os momentos de diversão, com base em um rígido conceito de pecado instituído pela igreja católica, tornando o tempo das camadas populares ainda mais controlado, para que não se dedicassem a atividades “indignas” que significavam perda de tempo, enquanto os nobres passavam o tempo exibindo-se sem nenhuma finalidade social.

As atividades de diversão quando não reprimidas eram modificadas na busca de se adequar à nova ordem vigente. Esse período foi de grande importância para o surgimento do capitalismo, visto ser ele gerado nesta concepção de que o trabalho enaltece o homem e o ócio não, visando assim controlar e manipular os divertimentos populares aos interesses predominantes da época.

Em meados do século XVIII, com a chegada da industrialização observa-se uma redução no tempo do não-trabalho das camadas populares e uma dedicação

⁴ Levantamentos históricos baseados na obra de Victor Andrade de Mello, 2003.

excessiva à jornada de trabalho num primeiro momento. O homem começa a se submeter às imposições das máquinas e o lúdico antes tão praticado e bem vindo, chega a ser relegado a um tempo limitado e com o intuito de compensar o excesso de trabalho.

A partir deste período o trabalhador de acordo com Marinho (2005, p. 98) “[...] não vive para seu trabalho, mas para o dinheiro que este lhe proporciona [...]”.

Após estes levantamentos históricos, baseados na obra de Mello (V., 2003) que envolvem a ludicidade e o lazer, percebe-se que a partir deste momento ocorre a separação destes dois termos, sendo o lazer possível apenas fora do trabalho, não sendo esta característica própria da ludicidade. E que ocorreram e ocorrem mudanças constantes de valores atribuídos ao lúdico o que reafirma ser esta prática historicamente construída e culturalmente determinada pelas sociedades envolvidas. Então, pode-se afirmar que todo lazer tem um pouco de ludicidade, mas nem toda prática lúdica é lazer.

Mello (M., 2003) em sua abordagem sobre a questão da ludicidade e do lazer afirma ser através do lúdico que será possível alcançar a humanização, ou seja, o homem começa a se relacionar melhor desenvolvendo atitudes humanas percebendo o outro como importante para a sua construção humana.

Apesar de o lúdico proporcionar o desenvolvimento humano ao homem, Camargo (1998) expõe quatro preconceitos que cercam a questão. O primeiro é que a diversão é preocupação de ricos, visto que “pobre” não tem condições financeiras de vivenciá-la, limitando as práticas lúdicas ao poder do capital. Este preconceito de acordo com Bruhns (1997, p. 34) percebe o lazer:

[...] como não-prioritário para as camadas pobres da população, sob o argumento destas não terem suprido suas necessidades básicas de saúde, alimentação e habitação. Nessa concepção, o lazer não é considerado como uma necessidade humana, ou se fosse assim entendido, seria um privilégio das classes mais favorecidas.

O segundo preconceito abordado por Camargo (1998) é quanto à importância do trabalho em detrimento do lúdico. Pois apesar da importância destas duas esferas da vida social ainda se verifica o trabalho como o propiciador de dignidade e de identidade humana.

O terceiro preconceito refere-se ao lúdico como algo que prejudica o lado sério da vida, assim muitos setores da sociedade continuam a partilhar da crença de que o divertimento é o responsável pelo pouco empenho das pessoas nas obrigações do cotidiano.

No quarto preconceito o referido autor expõe o equívoco ao qual entende o trabalho como algo difícil de executar, devido a exigência de disciplina, esforço, concentração, repetição e monotonia enquanto a diversão é mais fácil, pois apesar de exigir disciplina e esforço o grau de intensidade é a pessoa que o pratica quem decide.

Porém, o que parece óbvio nem sempre o é. Como explicar o desinteresse sobre determinadas práticas lúdicas que nos parecem agradáveis, mas que não proporcionou diversão? Assim, entra o fator abordado por Marcellino (1987) chamado “atitude”, caracterizado pelo tipo de relação verificada entre o sujeito e a experiência vivida, sendo a satisfação provocada pela atividade o que decide se é lazer ou não.

Estes quatro preconceitos apresentados por Camargo (1998) reforçam os valores da sociedade capitalista, coloca-se o trabalho e o lazer em oposição, estando o lazer confundido freqüentemente com a ociosidade.

Vale ressaltar que o lazer de acordo com Marcellino (1987) ocorre em um tempo disponibilizado após as obrigações do cotidiano não só as relacionadas ao trabalho, mas também: família, religião e outros fatores sociais. Como se percebe através desta afirmação o “tempo” é algo relevante para que se possa definir uma atividade como lazer.

Outra questão que se deve considerar para definir uma atividade como lazer é o caráter de não obrigatoriedade e de livre escolha pelo indivíduo. Marcellino (1987, p. 30) trata deste enfoque quando expõem o pensamento de Requiza (1980) sobre a referida temática, o mesmo define lazer como sendo uma “[...] ocupação não obrigatória, de livre escolha do indivíduo que a vive, e cujos valores propiciam condições de recuperação psicossomática e de desenvolvimento pessoal e social”.

Entre os autores estudados acredita-se ser Dumazedier (1973) o que melhor define a questão do lazer. Apesar de já existirem literaturas que superam algumas questões abordadas pelo autor, sua definição continua coerente e clara. Sendo assim, o referido autor define o lazer como sendo:

Um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se, e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (citado por MARCELLINO, 1983, p. 25).

Portanto, o conceito de lazer se mostra mais adequado, sendo visto como um momento disponível para a prática de atividades que transmitam ao seu praticante prazer e bem estar e que não tenha qualquer obrigação na realização, a não ser a de se divertir. Entendimento identificado nas palavras de Lefebvre (1958) quando afirma ser:

[...] no interior das práticas de lazer e por meio delas que os homens, conscientemente ou não, realizam-na extensão de suas possibilidades - a crítica de sua vida cotidiana [...] e que os homens almejam nos lazeres algo que dificilmente o trabalho ou mesmo a vida privada, em família, podem oferecer da forma como estão organizadas na sociedade capitalista (Apud OLIVEIRA, 1997, p. 12).

Seria assim, o lazer um refúgio, algo indispensável para que o homem transborde suas necessidades humanas, suas sensações, sua sensibilidade, seus desejos mais íntimos até então embutidos, muitas vezes desconhecidos por ele mesmo. Desta forma o lazer é aqui encarado como “ruptura” com o tempo das obrigações. De acordo com Oliveira (1997, p. 13) “[...] o lazer compreendido enquanto “ruptura” responde a necessidades sociais específicas e, portanto, estaria qualificado a trazer respostas à fadiga, às tensões, às inquietações inerentes à vida Cotidiana”.

Este enfoque reforça a dicotomia existente entre lazer e trabalho, visto ser este último dotado de obrigações e responsabilidades. Porém, apesar das divergências que envolvem esta questão, estas duas vivências se completam a partir do momento que o homem só se torna pleno quando consegue se realizar nestas duas esferas da vida social.

De acordo com Camargo (1998) o homem é *faber* (alguém que trabalha) e *ludens* (alguém que brinca), sendo duas dimensões da vida humana que precisam ser cuidadas, pois o homem necessita ser útil para alguém ou para algo como também de um lazer criativo voltado para si mesmo.

Como afirma Marcellino (1987) deve-se considerar o lazer não em contraposição, mas em estreita ligação com o trabalho e as demais esferas de obrigação da vida social, combinando os aspectos tempo e atitude.

Historicamente tem-se variado o ritmo de trabalho do homem, o tempo necessário para a execução das atividades passou a ser controlado pelo ritmo industrial, conseqüentemente, como afirma Gebara (1997, p. 63): “[...] temos agora um tempo produtivo, útil e um tempo que se não responde a esse pressuposto, é perdido, é gasto”.

A partir deste instante percebe-se haver uma nítida divisão entre o tempo de trabalho e o tempo livre, o qual foi frequentemente pensado como tempo ocioso, por isso tão atacado e negado aos trabalhadores. Neste momento histórico as relações sociais e o trabalho como afirma Gebara (1997):

[...] estão interligados, não existindo grande distinção entre o trabalho e a vida. [...] Fundamentalmente, o tempo começa a transformar-se em dinheiro, o dinheiro do empresário que, agora, pode comprá-lo enquanto tempo de trabalho ou tempo útil. A relação de produtividade faz com que, ao invés de passar o tempo, o ser humano passe a gastá-lo/consumi-lo. (p. 66)

Com essa divisão do tempo e uma grande carga de trabalho, inicia-se um processo de revoltas dos trabalhadores em busca de mais tempo para se dedicar a atividades mais prazerosas ou mesmos para o descanso. Pode-se assim afirmar, que o lazer foi uma conquista da classe trabalhadora, pois o homem na sua essência precisa de um momento para fazer algo, visando o seu próprio bem estar.

Desse modo, a luta pela redução da jornada de trabalho torna-se necessária para a melhoria da qualidade de vida dos empregados e para o desenvolvimento humano do homem. Marx, em “O Capital” (1974) ao apontar as decisivas conexões entre trabalho e tempo livre afirma:

De fato, o reino da liberdade começa onde o trabalho deixa de ser determinado por necessidade e por utilidade exteriormente imposta; por natureza, situa-se além da esfera da produção material propriamente dita. O selvagem tem de lutar com a natureza para satisfazer as necessidades, para manter e reproduzir a vida, e o mesmo tem de fazer o civilizado, sejam quais forem a forma de sociedade e o modo de produção. Acresce, desenvolvendo-se, o reino do imprescindível. É que aumentam as

necessidades, mas, ao mesmo tempo, ampliam-se as forças produtivas para satisfazê-las. A liberdade nesse domínio só pode consistir nisso: o homem social, os produtores associados regulam racionalmente o intercâmbio material com a natureza, controlam-no coletivamente, sem deixar que ele seja a força cega que os domina; efetuam-no com o menor dispêndio de energias e nas condições mais adequadas e mais condignas com a natureza humana. Mas, esse esforço situar-se-á sempre no reino da necessidade. Além dele começa o desenvolvimento das forças humanas como um fim em si mesmo, o reino genuíno da liberdade, o qual só pode florescer tendo por base o reino de necessidade. E a condição da jornada de trabalho. (Apud ANTUNES, 2000, p.25)

Ainda sobre a questão da necessidade do lazer, Reale (1978) em sua obra “Estudos de Filosofia e Ciência do Direito” inseriu importante capítulo intitulado “O direito de não trabalhar” no qual tece relevantes considerações sobre o lazer. Ele justifica a importância do lazer quando afirma que:

[...] o homem não descansa ou goza de uma pausa em suas operações produtivas, apenas em função do trabalho, mas por que o lazer é tão essencial ao ser humano como a atividade empenhada na produção de resultados considerados úteis ou vitais. (Apud MARINHO, 2005, p.106)

Então, o Direito ao Lazer deve estar ao lado do Direito ao Trabalho, já que correspondem a duas atividades essenciais na vida do homem. É válido para este estudo esclarecer uma profunda diferença entre o “Direito ao não-trabalho” e o “Direito ao Lazer”, sendo, no Brasil, o primeiro regulamentado pela “Consolidação das Leis do Trabalho”, enquanto o segundo ainda não saiu do plano das idéias.

De acordo com a Resolução da III Sessão Ordinária da Assembléia Geral das Nações Unidas, de 1948, “Todo homem tem direito a repouso e lazer, inclusive à limitação razoável das horas de trabalho e a férias remuneradas periodicamente”. Assim o dispositivo procura assegurar ao homem um tempo para lazer, onde ele possa preservar sua individualidade, sua criatividade, seus valores humanos e sua noção de liberdade.

Não se pode negar que a complexidade da vida moderna democratizou o trabalho, sendo atualmente uma necessidade de todos, porém a consolidação do direito ao lazer, tornou-se um desafio lançado aos juristas, visto que é um direito natural e fundamental para o desenvolvimento do homem. Não considerar esta esfera da vida humana, como afirma Marcellino (1987, p. 25), “[...] é entender o homem de maneira parcial”.

Torna-se cada vez mais difícil passar do trabalho para o lazer, isso se deve, entre outros, à ânsia de se produzir mais em um menor tempo possível, na verdade estar ocorrendo é uma eliminação dessa transição, promovendo uma invasão do trabalho no tempo dedicado ao lazer.

Esta passagem de acordo com Camargo (1998) é difícil porque requer que o indivíduo saia de uma situação, em sua maioria, de tensão, produtividade e artificialidade para outra, que supõe relaxamento, improdutividade e naturalidade.

É possível exemplificar o que foi citado anteriormente, com o caso dos aposentados que precisam se adaptar a uma “vida sem trabalho” ou “vida improdutiva”. Para muitos, isso poderia ser considerado fácil e até desejável, mas para o trabalhador que se dedicou toda sua vida a uma empresa o que parece sonho vira pesadelo, o que fazer com tanto tempo? O que fazer sem trabalho? Então, divertir-se, dedicar-se a atividades prazerosas todos os dias passa a ser algo difícil e que exige bastante esforço e vontade, sem falar que o aposentado é descartado ou inferiorizado porque não produz. Oliveira (1997) deixa esta realidade bem clara quando indaga “[...] a criança vai ser e o velho já foi” (p. 16) excluindo-os de vez da sociedade produtiva.

O lazer, diante da produtividade e da diminuição do tempo, pode ser uma compensação da realidade. Esta visão funcionalista aparece como uma forma de “ilubriar” a realidade e acalmar as revoltas vigentes, sendo uma arma alienante da burguesia. Nesta perspectiva, o lazer é considerado na visão de Bruhns (1997):

[...] como tempo de recuperação da força de trabalho, como compensação do trabalho alienante, como tempo de paz social ou um espaço para se trabalhar com os “desvios” das normas sociais. Ambos, tempo de trabalho e tempo do não-trabalho [...] estarão atendendo às necessidades do sistema. (p. 34)

Entretanto, as necessidades humanas ultrapassam este entendimento equivocado de homem, em que o mesmo é tratado como máquina precisando de manutenção e reparos. Necessitam-se de práticas de lazer que nos façam descobrir diferentes formas de manifestar nossos sentimentos e desejos.

Este entendimento isolado das práticas de lazer não considera a relação dinâmica entre o lazer e as outras esferas da vida social, desta forma todos os problemas pessoais e sociais estariam resolvidos, ou pelo menos “compensados”,

pelas possibilidades oferecidas pelo lazer. Mas não se pode funcionalizar o lazer a valores tão limitantes. Como afirma Marcellino (2000):

O “sentido” da vida não pode ser buscado, como muitas vezes somos levados a crer, apenas num fim de semana, ou numa viagem, embora essas ocasiões possam ser consideradas como possibilidade de felicidade e formas de resistência para o dia-a-dia. (p. 15)

É necessário pensar num lazer que contribua para as mudanças de ordem moral e cultural e não se limite às imposições da ordem vigente, sempre pensando em resolver as injustiças sociais e não em conviver com elas.

Pascal (1961) nos seus pensamentos sobre o divertimento define bem o que seria o lazer alienante quando coloca que “o rei está rodeado de pessoas que só pensam em diverti-lo e em impedi-lo de pensar em si mesmo. Por que, se pensa em si mesmo, é infeliz por mais rei que seja”. (citado por MARCELLINO, 2000, p. 16) Seria assim o lazer um instrumento de dominação.

É válido salientar que as práticas de lazer, sobre o conjunto da vida social, são dotadas de manifestações, de significados, impregnados ou revestidos por valores, símbolos e signos. E estas práticas sofrem influências relevantes das transformações que estão em curso na sociedade contemporânea.

No Brasil, influenciado por seu vasto território, observa-se uma integração singular da tradição e da modernidade, onde convivem antigos hábitos e costumes com as invenções e atitudes mais modernas. Mascarenhas (2003) exemplifica bem a questão quando afirma que:

[...] no universo das práticas de lazer [...] ainda subsistem as conversas de botequim, o almoço de domingo, o circo, o salão de dança do bairro, a festa junina, a folia de reis, o futebol de várzea, a brincadeira de peão, o soltar pipa, a roda de samba, o churrasco depois do mutirão, o passeio na praça etc., embora avancem também a prática da ginástica de academia, o espetáculo esportivo, os shows de música, a audiência da TV, a locação de fitas de vídeo, o acesso à internet, as viagens de turismo, os passeios no shopping, os jogos eletrônicos, as pistas de caminhada, o domingo no parque temático etc. (p. 123).

Assim, o lazer vai seguindo um processo de ruptura e de continuidade, onde algumas práticas desaparecem outras persistem ou transformam-se. Sendo que

nem sempre os traços característicos da cultura popular são preservados nas suas manifestações lúdicas. Até mesmo os comportamentos no lazer convergem para o formalismo, o anonimato, a impessoalidade e o individualismo.

Percebe-se que as práticas de lazer estão caminhando para a produtividade, sendo agora produto de consumo o qual visa o lucro. O lazer persiste não como o de outrora, mas em conformidade com a lógica do mercado. Está se iniciando um processo de supervalorização da cultura de massa em detrimento da cultura popular e pode-se afirmar que a mídia assume um papel decisivo nesta transformação, sendo o principal aparelho ideológico a televisão que segundo Mascarenhas (2003 p. 125-126):

[...] realiza não só a transformação do real em virtual, mas também da mercadoria em ideologia, do mercado em democracia, do consumismo em cidadania [...], combinando a produção e a reprodução cultural com a produção e a reprodução do capital [...], operando decisivamente na formação de mentes e corações em escala global. (Apud Lanni, 2000)

Deste modo, a TV adentra na vida das pessoas se transformando em muitos casos na única distração e com isso vai moldando uma população e criando uma serie de valores morais, estéticos e políticos que acabam por determinar hábitos e modos de vida. É daí que nasce a visão funcionalista do lazer aqui já abordada e que não contribui para nenhuma mudança da ordem vigente, sendo um mero instrumento de dominação. Segundo Sá (2003, p. 40):

[...] a redescoberta do lazer na sociedade capitalista do século XX, como um produto fecundo e de mercado promissor capaz de vender ilusões, que geram lucros significativos para aqueles que detêm o poder econômico, vem ocupando, em larga escala, investimentos do setor privado, incentivados em parte pelo governo, onde a área de lazer associada ao entretenimento vem atraindo investimentos consideráveis para os capitalistas. (Apud CAMARGO, 1998)

Mediante tais palavras percebe-se que o lazer tornou-se, após a globalização, um objeto de consumo associado a bens, riqueza, estilos e padrões de vida. Apenas “alguns” têm condições de “aproveitar a vida”, ou seja, que saem muito, por ter condições de viajar, ir para shows, cinema, etc. Agora o lazer passa a ser uma

mercadoria, que precisa resultar em lucro, sendo uma área de grande investimento dos empresários. Desta maneira

[...] o indivíduo não é mais dono do seu tempo e de nenhum espaço; não é mais dono de sua consciência, nem do direito de fazer projetos de vida, de lutar de forma organizada para mudanças, quer em seus espaços de trabalho, quer naqueles de socialização do lazer. As promessas de liberdade, de justiça e de paz, propagadas nas políticas governamentais, desfalecem mediante a supremacia do poder de manipulação do mercado produtivo, pois a racionalidade do progresso da sociedade capitalista agrava, a cada ano, juntamente com a irracionalidade de sua organização. (SÁ, 2003, p. 39)

Diante do exposto, muitas experiências de lazer estão sujeitas às estratégias de modismo e de homogeneização cultural, proporcionando muito lucro para a indústria de entretenimento, a qual ganha espaço a cada ano, explorando os ganhos salariais da classe trabalhadora.

A luz das questões apresentadas até esse momento da discussão, pode-se afirmar ser o lazer uma área do conhecimento cheia de questionamentos que precisa ser analisado, para que não surjam conceitos equivocados e limitantes sobre a questão, como é o caso apresentado pelo minidicionário da língua portuguesa Alpheu Tersariol (2000, p. 217) que restringe o lazer as palavras ócio, vagar e passa tempo, ou pelo dicionário Mor da língua portuguesa (2005, p. 200) que o define apenas como tempo livre.

Estas definições chegam a ser perigosas, já que a maioria dos alunos recorre a esta ferramenta de aprendizagem para uma melhor assimilação dos conhecimentos. Compreender os sentidos e significados desta manifestação aqui discutida poderá contribuir para que os sujeitos construam relações mais significativas consigo mesmo, com os outros e com o mundo.

CAPITULO II

RELACIONANDO LAZER, ESCOLA E JUVENTUDE

É fundante para este trabalho discorrer sobre o estado que se encontra a educação, em particular, a do Brasil, pois o processo educativo onde os alunos estão submetidos prioriza a formação profissional em detrimento da humana. Esta atual situação pode provocar uma mudança de ordem social, no que diz respeito à condição humana do homem, fazendo-se necessário uma discussão a cerca das ações voltadas para a ampliação das práticas de lazer dos jovens, a começar pela relação existente entre o lazer, a escola e a juventude.

A educação é algo amplo e ocorre em todos os momentos da vida do indivíduo, ela acontece a partir das relações sócio-ambientais e não precisa necessariamente de uma instituição para ocorrer. Porém, na realidade o senso comum acredita ser a escola e somente ela a detentora do poder de educar. Transformando a educação numa prática complexa e fechada aos poderes do educador. Não se propõe aqui negar a importância das instituições escolares, apenas desmistificar este entendimento reducionista do que é educação. (LIBÂNIO, 1994)

Parece-me conveniente para encaminhar este trabalho, através das palavras de Libânio (1994), definir o que é educação buscando assim fazer uma reflexão sobre o conceito:

Educação é um conceito amplo que se refere ao processo de desenvolvimento onilateral da personalidade, envolvendo a formação de qualidades humanas-físicas, morais, intelectuais, estéticas - tendo em vista a orientação da atividade humana na sua relação com o meio social, num determinado contexto de relações sociais. A educação corresponde, pois, a toda modalidade de influências e inter-relações que convergem para a formação de traços de personalidade social e do caráter, implicando uma concepção de mundo, ideais, valores, modos de agir, que se traduzem em convicções ideológicas, morais, políticas, princípios de ação frente a situações reais e desafios da vida prática. (p.22-23)

Dessa forma, pode-se afirmar que onde existem pessoas existe educação, então a educação nasce das relações sociais e pode ser encontrada, na igreja, na

família, no emprego, na escola. Em todas estas instituições acontece o processo de educar-se, falta apenas consciência de que estão nos educando e sendo educados a todo o momento e por todos.

Como se ver a educação é algo abrangente, porém o presente estudo enfatiza em sua análise os jovens nas instituições escolares, visto ser este espaço possuidor de uma grande quantidade de adolescentes que estão avaliando o seu futuro, sendo ainda possível evitar uma vida assentada apenas no trabalho.

A escola é o pilar básico para a formação moral, cívica e ética dos indivíduos e da comunidade na qual se encontra inserida. Esta função/responsabilidade é inegável e a torna um local fundamental para a estruturação de valores e mudanças de atitudes frente à vida em sociedade.

Não se pode negar que a escola aparece como o principal e mais utilizado aparelho ideológico, ela consegue se infiltrar na vida dos indivíduos desde a pré-escola até o ensino superior. Como conseqüência serve ao sistema vigente para manter a ordem social.

Ela vai moldando o tipo de cidadão que se quer construir, sendo atualmente, a produtividade, a racionalidade, a objetividade e a alienação características visadas pela burguesia, para a classe trabalhadora, desta forma, vai-se construindo a escola adequada para o capitalismo, marcada

[...] pela preparação para o futuro [...] pela homogeneização dos sujeitos, abstraídos em um ideal de futuro cidadão. Nele imperam a racionalidade, a produtividade (trabalhos, ditados, provas, copias, pesquisas...), a competição (notas), a disciplina, o esforço (estudos, deveres de casa), a responsabilidade (prazos de entrega, horários delimitados para a realização de provas) e (por que não dizer), o terrorismo (se não houver esforço, estudo e dedicação, não haverá a recompensa final-ser "alguém na vida"). (OLIVIER, 2003, p. 20).

Se dentro das instituições escolares ainda não se consegue valorizar as relações sociais, o debate, a subjetividade, a subversão, o prazer entre outras características, como formar alunos consciente e críticos? Depois não se sabe o porque dos altos índices de evasão escolar. Quanto a essa questão Camargo (1979) associa o abandono da escola aos modelos ultrapassados que existem nas mesmas sendo cada vez mais contestados por estudantes, estes reivindicam participação na

definição de programas escolares e uma escola mais prazerosa. (Apud MARCELLINO, 1987)

Então é hora de ver com bons olhos a questão da ludicidade, do prazer, da originalidade, do pensamento criativo e da opinião dos estudantes. O problema é que preparam os alunos para pensar a vida a partir do trabalho, mas não o trabalho emancipatório que alimenta a criatividade, fonte de liberdade e sim um outro que aliena, cansa e sacrifica. Este tipo de trabalho predominante na sociedade, acarreta num lazer também alienante. Como afirma Silva (2003) é de se esperar que a alienação de um gere a evasão e processos compensatórios em outros, visto que nesta duas esferas da vida, ocorre o mesmo sangue social.

Estas duas práticas sociais, lazer e trabalho, se complementam e não podem ser negadas, visto que são indispensáveis para a formação humana do homem. Como afirma Marcellino (1987, p.26):

[...] o lazer em si não é capaz de salvar o trabalho, mas fracassa juntamente com ele, e só poderá ser significativo para a maioria dos homens se o trabalho o for, de maneira que as próprias qualidades por nós procuradas no lazer terão maior probabilidade de se tornarem realidade se a ação política e social travar a batalha, em duas frentes, do trabalho-e-lazer.

Preocupadas com a formação profissional do aluno, a escola parece esquecer que dos 365 dias do ano, os alunos passam cerca da metade no espaço escolar, estando o restante do tempo, livre desta estrutura. Com isso a escola vai anulando as finalidades educacionais, estas centenas de horas em que os jovens se encontram noutra formação, ou autoformação.

Muitas vezes o espaço educacional nem mesmo consegue perceber que seus objetivos estão longe de contemplar as necessidades dos jovens e acabam realmente se enganando, tentando ver-se noutra realidade, mas que na prática não acontece. Visto que continuam a pensar apenas no vestibular, no emprego, nos concursos, ou seja, na formação profissional.

Mas por que não aproveitar as aprendizagens dos alunos durante o tempo fora da escola? Por que a escola insiste em não aceitar que uma parte significativa da aprendizagem dos alunos se encontra em atividade individuais e coletivas durante o tempo livre? Será que não há nada de significativo nos interesses dos alunos?

O universo escolar ao considerar apenas a esfera do trabalho, limitando-se a formação profissional do aluno, ignora todos os processos educativos que ocorrem à margem dela, torna-se enfraquecida, restringindo-se a ensinar para o momento e a não dar bases para um reajuste permanente de conhecimentos e capacidades necessários para esta sociedade que evolui aceleradamente. Como afirma Bracht (2003, p. 157):

[...] a questão não parece ser modificar as relações de trabalho para depois modificar a cultura, ou então o inverso. Trabalho e não-trabalho são esferas da vida que se requerem e, portanto, precisam, no trabalho educativo e nas políticas culturais, ser tratadas simultaneamente.

Mediante o exposto, o ambiente escolar não pode esquecer do tempo livre, encarando-o como processo de formação, sendo tarefa da escola proporcionar aos alunos conhecimentos e oportunidades para que eles possam viver, conviver e trabalhar, dando sentido as suas vidas. Atualmente, não se podem conquistar estes objetivos com uma educação voltada apenas para o trabalho, é preciso, em paralelo, educar para o lazer. Faz-se necessário construir no ambiente escolar um lazer diferente daqueles

[...] impostos pelos calendários escolares, e as incontáveis “festas”, que de festa pouco ou nada têm, mas se constituem em instrumentos para arrecadação de fundos necessários para cobrir despesas que deveriam ser da responsabilidade do poder público. (MARCELLINO, 1987, p. 101)

É hora de pensar em uma educação para o lazer, tendo como meta principal ajudar os estudantes, em seus diversos níveis, a alcançar uma qualidade de vida desejável por meio da ampliação e promoção de valores, atitudes, conhecimentos e aptidões de lazer através do desenvolvimento pessoal, social, físico, emocional e intelectual.

Porém é preciso deixar bem claro que não se trata de negar ou diminuir a importância da educação para o trabalho, seja no plano do conhecimento, na vivenciada nos grupos de meninos e meninas que se interrogam sobre o seu futuro profissional, ou mesmo, na estabilidade financeira que este nos proporciona, diante do mundo capitalista que nos cerca. Contudo, deve-se esquecer de uma educação

paralela para o lúdico, o prazer e o bem estar, pois uma vida assentada apenas no trabalho será aborrecida e pobre, e com a chegada da aposentadoria, esta será o fim e não raro a morte de quem se dedicou a vida toda apenas ao trabalho (CAMARGO, 1998).

A perspectiva de uma educação para o lazer, aqui apoiada embasa-se na concepção de Sá (2003) sendo afirmado por ela que o lazer não pode ser entendido como “redenção” de uma situação injusta, mas como um canal de possibilidades de manifestações culturais, podendo levar o trabalhador a um equilíbrio entre as realizações relativas ao trabalho, a sua existência e também as lutas contra a exploração a que é submetido, na atual sociedade capitalista. Mediante tais considerações, o lazer deve ser:

[...] um espaço de vivências culturais, uma expressão de lutas e conquistas, uma abertura a sensibilidade do ser humano [...] isto significa pensar o lazer em estreita relação com o trabalho, sem escamotear as relações de alienação a que o trabalhador está sujeito, e considerar o lazer um direito social, como o são a educação, saúde e as demais necessidades sociais (MARCELLINO, 1998, Apud SÁ, 2003, p.69).

Este direito social só será realmente efetivado se a sociedade tiver mais contato com as vivências dos diversos interesses do lazer, e a escola como estrutura formadora de atitudes e opiniões deve colaborar para esta formação.

O lazer poderá também, dentro do espaço escolar, oferecer aos educandos o reconhecimento pessoal e coletivo, o aperfeiçoamento e reconhecimento do outro, e através das manifestações das artes, do esporte, nos movimentos políticos e na vida social mais ampla, entre outras, o jovem aguçará o seu sentimento de solidariedade e vivenciará diferentes possibilidades da experiência humana.

Assim, as finalidades da educação para o lazer são amplas, sendo, de maneira geral, importante para a formação humana do homem, mas como afirma França (2003, p.39):

Buscar esses caminhos significa, ao construir práticas de lazer, refletir sobre “porque”, “para que”, “o que”, “como”, “com quem”, “para quem”, “sob que condições reais”, “quando” e “onde”; significa pensar com que bases e concepções essas práticas serão desenvolvidas e refletir, igualmente, sobre categorias básicas como participação, integração, conhecimento, educação, homem, ensino e sociedade; significa estabelecer critérios para

selecionar e tratar o conhecimento nas manifestações, apontando ações nas quais o sujeito é visto enquanto um ser ativo, que cria e recria, que vive coletivamente, que sofre e exerce influências, um ser que constrói, critica e socializa o conhecimento apropriado.

É válido salientar que o lazer no ambiente escolar não é conteúdo de uma única disciplina. Ele deve ser potencializado por todas as matérias, visando estimular o interesse do aluno na aprendizagem. Disciplinas como português, matemática, geografia, história entre outras, devem buscar a reflexão sobre a educação para o lazer. No entanto, o que se verifica atualmente é que apenas a Educação Física e a Arte Educação têm uma maior relação com o lazer. Bracht (2003, p. 164) também defende esta idéia, ao esclarecer que:

[...] a escola como um todo, deve assumir a educação para o lazer como tarefa nobre e importante, o que implica em colocar em questão as próprias finalidades sociais da instituição escolar. Isso implica em uma razoável mudança naquilo que poderíamos chamar de cultura escolar.

A cultura escolar existente atualmente reforça a dicotomia entre lazer e trabalho, tendo no espaço escolar dois momentos: um produtivo e um outro não produtivo que se refere exatamente ao recreio.

Esta cultura escolar apresenta como meta o controle social e a produtividade, verificando-se nas instituições escolares uma desvalorização de práticas voltadas predominantemente para a formação humana do homem, como é o caso das disciplinas Educação Física e Artes.

Voltando-se mais especificamente para a Educação Física escolar, esta sempre foi alvo de críticas na escola, ora por não conseguir se legitimar ora por possuir características predominantemente lúdicas, o que prejudica percebê-la com seriedade. Como foi visto anteriormente, a escola encontra-se preocupada com a formação profissional do aluno, sendo uma exigência do modelo de sociedade que nos cerca. Neste contexto, o recreio encontra-se associado à improdutividade, ao lazer. Enquanto os momentos em sala, os produtivos, estão relacionados ao trabalho.

Não raro, a Educação Física é encarada como espaço e tempo pedagógico não produtivo, recreativo. A mesma vem, historicamente, em suas práticas enfatizando a

competitividade, a individualidade, a busca pela perfeição, servindo ao capitalismo (BRACHT, 2003).

Isso se deve a lógica racional, que busca tornar “útil”, para o capitalismo, todas às disciplinas do currículo escolar, dando um sentido produtivo a elas. Caso esta não consiga expressar a sua importância para o sistema é descartada ou desvalorizada.

Por esta razão a disciplina Educação Física sempre sofreu preconceitos no ambiente escolar, pois apresenta-se cheia de ludicidade, e o bem-estar, a liberdade e as manifestações corporais são características próprias da mesma.

Sendo as manifestações corporais uma característica presente nos momentos das aulas de Educação Física, é válido ressaltar que dentro da escola o corpo sempre foi tratado como uma dimensão da existência humana que precisa ser domada, controlada para que o intelecto tenha tranquilidade para aprender aquilo que é considerado sério e importante.

Ao invés de ser potencializada a expressão corporal, dentro das instituições escolares sempre foi reprimida em favor das aprendizagens cognitivas. Em virtude desta realidade, mesmo com tantas discussões que ainda cerca esta temática, fica difícil modificar esta perspectiva hegemônica presente na cultura.

Paradoxalmente, o lazer não pode ser banido do espaço escolar, pois a escola não sobreviveria apenas com os deveres e disciplinas que impõe, por isso abre brechas para atividades aparentemente lúdicas, mas que respondem, na verdade, ao processo de conformação social. O entendimento de lúdico aqui defendido se apóia em Olivier (2003, p. 21) ao afirmar:

[...] como a alegria, a espontaneidade, a referência não aos parâmetros da racionalidade, mas a uma lógica diferente: a lógica do ser feliz agora, do construir o futuro (e não do preparar-se para o dia em que ele despenará sobre nossas cabeças), do revolver o velho e construir o novo [...]

A dificuldade em levar o lúdico para dentro da escola e para a sala de aula, decorre do fato do prazer estar subordinado ao dever, não podendo se misturar com satisfação e alegria. Assim constrói-se esta dicotomia entre lazer e trabalho, dever e prazer, alegria e seriedade.

Faz-se necessário reconhecer o lúdico e o prazer, no universo escolar, mas para isso é preciso parar de pensar no futuro e viver o presente. Torna-se importante deixar que as crianças e jovens construam seu próprio discurso, que redescubram a linguagem dos desejos conferindo-lhes o mesmo lugar que tem a linguagem da razão, redescobrando a corporeidade ao invés de separar o homem em corpo e alma, abrindo portas e janelas deixando que a inclinação vital penetre na escola, espanando a poeira, apagando as regras escritas na lousa e acordando as crianças e jovens desse sono letárgico no qual, por tanto tempo, deixaram de sonhar (OLIVIER, 2003).

2.1 Juventude e lazer

Frequentemente a vida cotidiana nos mostra uma série de imagens a respeito da juventude construídas no senso comum e que interfere na maneira de compreender os jovens.

Uma das compreensões mais encontradas entre o senso comum, define a juventude como uma transição entre o ser criança e o ser adulto, tendo no futuro o sentido de suas ações no presente. Ela encara os jovens como alguém que “será”, negando o presente vivido. Esta concepção encontra-se muito presente no espaço escolar, traduzidas no diploma e nos possíveis projetos de futuro.

Não raro, a juventude também é vista como um tempo de liberdade, de prazer, o qual o erro faz parte das experimentações, um período marcado pela irresponsabilidade e euforia. Outrora, a juventude é encarada como um momento de crise, fase difícil geradora de diferentes conflitos. Ligada a esta idéia, existe uma tendência em associar o período da juventude como um momento de distanciamento da família.

Todas estas concepções, quando arraigadas nesses “modelos” socialmente construídos, correm o risco de analisar os jovens de maneira parcial e limitada, construindo uma definição negativa do que seria juventude. Nesta perspectiva, o presente estudo entende a juventude como

[...] parte de um processo mais amplo de construção dos sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui

um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. (DAYRELL, p. 42, 2003)

Assim, os jovens no presente estudo são vistos como sujeitos sociais, o que significa entender a juventude como parte de um processo de crescimento mais amplo, ganhando contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Desta forma, as características e potencialidades do ser humano são construídas a partir das relações sociais.

O lazer como uma prática social é muito comum na vida dos jovens, e a indústria cultural vêm buscando manipula-los, submetendo-os a uma situação de opressão e dominação. A partir desta lógica de mercado, confinada a juventude, corre-se sérios riscos de se formar pessoas individualistas pouco preocupadas com os problemas sociais, com as lutas de classes e com os assuntos políticos que os cercam.

De fato, deve-se repensar as formas de lazer vivenciadas pelos adolescentes, visto que algumas práticas podem vir a produzir uma simples representação adaptativa da ação, em vez de mudanças de crenças, atitudes e valores.

O espaço escolar um lugar possível para esta reflexão, entretanto como foi visto anteriormente, há uma preocupação excessiva com a formação profissional e com o mercado de trabalho, porém ainda são silenciosas as manifestações no espaço escolar quanto à formação humana de nossos jovens estudantes.

O espaço escolar é atualmente um lugar onde a juventude passa uma boa parte do tempo, estudando, se relacionando ou mesmo passando as horas. É neste ambiente que ocorre diferentes manifestações por parte dos jovens. Para muitos estudantes a escola seria o próprio “lar” ou mesmo um refúgio para seus problemas.

Estas instituições podem introduzir hábitos nos alunos os quais serão levados para a vida toda, por exemplo, o gosto pela leitura, pela dança, pelos esportes entre outros. Assim:

Vale destacar que tais hábitos quando bem orientados são capazes de formar o jovem perante suas metas individuais e sociais, favorecendo comportamentos que caracterizam os fatores educacionais, bem como seu interesse pessoal ou até sua relação social e afetiva. (SOARES; AYROZA; DIAS, 2005, p. 72)

Dessa forma, é crescente a preocupação em identificar os hábitos de lazer dos jovens, sendo estas práticas, comumente motivo de preocupação dos pais, professores e instituições escolares. Estes procuram desenvolver nos mesmos o gosto por atividades consideradas “saudáveis” como o gosto pela leitura, pelas artes e pelos esportes, buscando achar o equilíbrio entre o que se faz e o que se pensa.

É na passagem da adolescência para a vida adulta que os jovens se encontram angustiados com tantas decisões a serem tomadas, sendo uma imposição do sistema que exige uniformidade. A polivalência cultural é abalada em nome do sucesso profissional, sacrificam-se os diferentes interesses em nome de um futuro que não se sabe aonde vai chegar. Como afirma Camargo:

É difícil manter-se polivalente num mundo que nos obriga à especialização e a uniformidade. Quando no início do ensino médio, exigem-nos a escolha de uma profissão que por seu lado definirá o curso universitário adequado a ser seguido, tem início um lento processo de corrosão de nossa polivalência, um processo doloroso e surdo, do qual os pais são atores inconscientes. (1998, p.116)

Em meio aos fatos apresentados anteriormente, verifica-se no cotidiano dos jovens que nada contribuem para os mesmos construírem uma visão polivalente em termos de lazer, visando que os mesmos experimentem diferentes interesses, sejam eles intelectuais, artísticos, físicos, manuais, turísticos ou sociais (MARCELLINO, 2000).

CAPITULO III

ANALISANDO OS DADOS

É fundamental para este trabalho caracterizar o lócus da pesquisa, bem como expor os motivos da escolha por este campo, antes de mostrar os dados obtidos.

A EEFM Estado da Bahia, esta localizada na cidade de Crato, no bairro Pinto Madeira, e atende as comunidades circunvizinhas, distribuídos nos turnos manhã, tarde e noite. A escola possui em sua estrutura um número de quatorze salas de aula, uma Biblioteca, um laboratório e uma Quadra Esportiva a qual durante o período letivo não é utilizada nas aulas de Educação Física (com exceção aos Jogos Escolares).

O colégio possui estacionamento arborizado, onde os alunos brincam e conversam no horário do intervalo. Possui também um pátio coberto, arejado e com banquinhos. Há um outro pátio para a realização das atividades comemorativas.

A situação econômica da comunidade escolar encontra-se com elevado índice de desemprego ocasionando em uma renda familiar baixa, existe um grande número de menores trabalhando para a complementação desta renda e as mulheres também ajudam a complementar a renda familiar e recebem o bolsa escola. Outro problema bastante grave são os altos índices de violência urbana, uso de drogas e violência sexual⁵.

A escolha pelo referido campo, esta relacionada à afinidade existente entre a pesquisadora e comunidade, estando esta como professora da referida instituição, condição que veio facilitar a realização da pesquisa. Um outro fator influenciador é o interesse da pesquisadora em saber, quais atividades de lazer interessam aos jovens da comunidade escolar, bem como conhecer as práticas mais freqüentes entre os mesmos.

Esta pesquisa auxiliará na busca de alternativas para solucionar o problema grave que a escola vem passando, pois os índices de evasão escolar estão aumentando constantemente e o desinteresse dos alunos pela escola é gritante.

⁵ Informações fornecidas pela instituição escolar pesquisada através da GIDE (Gestão Integrada de Desenvolvimento da Escola).

A perspectiva é conhecer os sentidos e os significados que os jovens concebem aos seus momentos de lazer, tentando se aproximar da realidade dos mesmos. Bem com detectar, mesmo que de forma parcial, a visão de lazer formulada por jovens do ensino médio.

A pesquisa foi realizada durante um bimestre (Maio/Junho), na busca de respostas para as questões aqui apresentadas, sendo necessário a realização de observações assistemática, durante os intervalos e momentos festivos da escola, de questionários e perguntas norteadoras para a formulação de sínteses escritas sobre o tema lazer. O intuito foi, a partir das informações, analisar e desvendar as respostas.

É válido informar que os jovens entrevistados, em sua maioria, estão entre as faixas etárias de 15 e 18 anos e os questionários e as sínteses escritas foram aplicadas em todos os turnos da Escola Estado da Bahia. Aplicou-se 286 questionários no geral (100 pela manhã, 100 pela tarde e 86 à noite), e foram solicitadas 35 sínteses escritas, chegando aos seguintes resultados:

3.1 Entendendo o lazer dos jovens:

O primeiro questionamento a ser analisado corresponde ao entendimento que os jovens da EEFM Estado da Bahia têm sobre o lazer. Obtiveram-se respostas como:

Aluno 03: *“O lazer para mim é tudo que você faz procurando se divertir relaxando curando o estress ficando totalmente livre de todos os seus problemas”.* (Síntese escrita)

Aluno 13: *“O lazer é um momento de diversão em que podemos se dispor de algum tempo para praticar alguma atividade física [...] é uma ocasião para estudar, refletir o que se quer da vida.”* (Síntese escrita)

Aluno 16: *“E um tempo a disposição para fazer aquilo que se deseja, buscando nesse lugar tranqüilidade, descanso e divertimento, e para recuperar as energia para um novo dia de luta”.* (Síntese escrita)

Aluno 18: *“Lazer é apenas aproveitar os tempo livres e poder colocar as novidades em dias com meus amigos e namorado”.* (Síntese escrita)

Aluno 22: *“Lazer é uma forma prática de se integrar e divertir com outras pessoas. Podendo assim na maioria das vezes se sentir melhor”.* (Síntese escrita)

Aluno 23: *“Para mim lazer é uma forma de alguém se divertir com algo e alguma pessoa, por exemplo jogar bola, passear, brincar de algo etc”.* (Síntese escrita)

Aluno 27: *“É o momento em que as obrigações ficam de lado o corpo relaxa e curtimos o momento fazendo coisas que nos dão prazer e divertimento [...] para isso não é preciso apenas tempo mais também estado disponibilidade e estado de espírito”.* (Síntese escrita)

Entre as respostas apresentadas pelos alunos, constata-se ser a “diversão” uma categoria comum entre os mesmos, não havendo uma diferenciação dos termos lazer e diversão, esta pode ser encontrada em Camargo (1998, p.27) quando o mesmo diz:

Ludicidade e diversão [...] podem acontecer em qualquer momento da existência, até mesmo na hora de trabalho, em plena obrigação familiar, durante a oração ou na militância político-sindical. Já tempo livre, recreação e lazer [...] são termos que falam de um tempo criado pela economia moderna apenas para que os indivíduos pudessem se divertir ou fazer o que bem entendessem.

Ao reservar um tempo determinado para a “alegria” e o “bem-estar”, indiretamente afirma-se que o resto do tempo não contém sensações prazerosas e felizes, resumi-se a diversão ao lazer, e isto pode ser verificado nas palavras do aluno 29, quando o mesmo faz uma nítida diferenciação entre os momentos de alegria, diversão dos das obrigações:

“[...] todos nós precisamos nos divertir, para distrairmos nossa mente, para mim após checar o final de semana depois de ter cumprido com todos os meus deveres chega à hora de se divertir, portanto todos nós seres humanos precisamos de um tempo reservado para o lazer”.

Não é que o lazer não contenha momentos de alegria, mas como afirma Camargo (1998, p. 33): “[...] o tempo de lazer não é o único tempo em que podemos

experimentar momentos felizes. A felicidade é um sentimento que não escolhe hora. Pode atingir-nos nas mais diferentes situações, mesmo nas mais incômodas”.

Esta associação direta do lazer com a diversão também se deve ao fato do lúdico ser mais manifestado no tempo disponível das pessoas, o que torna a relação dos dois, muito próxima. (MARCELLINO, 2003)

Sentir-se feliz em todos os momentos da vida, parece uma tarefa difícil em uma sociedade onde o cumprimento das “obrigações” está situado como peça fundamental para a sobrevivência humana. O que se verifica na sociedade moderna é que o dever vem antes do prazer. Olivier (2003) explica esta supremacia do dever em relação ao prazer ao fato da entrega ser maior quando se consegue atender a satisfação do dever cumprido, podendo assim se entregar com mais alívio ao prazer.

[...] O prazer [...] fica relegado a segundo plano, pois parece não ter função na manutenção das estruturas sociais - ao contrário, desde o culto grego a Dionísio, com suas bacanais e orgias, as atividades do prazer revelam-se subversivas e perigosas à paz social. (p.16)

Dentro deste contexto vai-se deixando à alegria, o bem-estar, a felicidade para um momento “mais adequado” como se não pudesse haver felicidade em todos os momentos da vida. Como afirma Marcellino (2000, p. 15): “[...] O sentido da vida não pode ser buscado, como muitas vezes somos levados a crer, apenas num fim de semana, ou numa viagem, embora essas ocasiões possam ser consideradas como possibilidade de felicidade e formas de resistência para o dia-a-dia”.

Entre as respostas, uma outra questão parece conveniente discutir é a que envolve o lazer enquanto “tempo de recuperação da força de trabalho” esta é uma visão considerada por alguns autores, como Marcellino e Bruhns, funcionalista, pois considera o lazer um momento para recuperar o esforço realizado no trabalho.

Bruhns (1997) acredita que esta visão atende as necessidades do sistema capitalista, considerando o homem como uma máquina precisando de manutenção e reparos. Ela não valoriza o convívio, a descoberta, a aventura, as projeções como algo inerente ao homem.

Para Marcellino (1987) esta visão procura justificar a atenção para o campo do lazer por parte dos empregadores, ressaltando os resultados psicológicos e as

conseqüências econômicas em termos de retorno para as empresas, ou ainda para os países subdesenvolvidos, como forma de contribuição para o progresso social.

A sociedade procura achar uma justificativa para o tempo livre e para a euforia sentida nos momentos de diversão. Não quer demonstrar a vontade, a emoção porque podem ser mal interpretadas. Então estas atitudes são relegadas a um tempo de pausa previsto no resultado produtivo final do trabalho. Assim, o indivíduo não é mais o “vagabundo”, é o trabalhador em situação de lazer. Como afirma Marcellino (2001, p. 11): [...] as pessoas têm vergonha de reivindicar lazer, porque ele ainda é considerado “coisa de vagabundo”, e só conseguem verbalizar a sua necessidade como justificativa para temas “sérios” [...].

Entre os alunos, observa-se também que os mesmos encaram o lazer enquanto momento de descanso. O indivíduo pode se dedicar à si mesmo e fazer o que deseja. Sobre este enfoque, o lazer abrange mais a esfera individual do ser humano, agora o cuidado consigo mesmo é uma exigência para conseguir viver bem com os outros. A partir desta nova forma de se relacionar consigo mesmo surge o que Camargo (1998) chama de revalorização do próprio corpo.

O cuidado com o corpo passa a ser a principal forma de manter-se bem consigo mesmo, procuram-se práticas de lazer capazes de valorizar a harmonia corporal, como as academias, as técnicas de massagem, o alongamento dentre tantas outras vivências capazes de relaxá-lo ou mesmo explorá-lo. Assim, o corpo vira mercadoria como afirma Rosa (2003, p. 126):

[...] há uma crescente mobilização - no sentido de pôr em circulação - para a fabricação, manipulação, controle e modelagem de corpos que são ou serão consumidos, modificados ou remodelados, conforme as leis do mercado que têm entre seus princípios a inovação, permeada por valores como passagem, descartabilidade e fragmentação.

Nesse comércio a que o corpo está submetido, ele é considerado passivo diante das transformações, inclusive no lazer. Apesar de ser o protagonista do mercado consumidor:

[...] o corpo e sua gestualidade são formados e modelados em diferentes lugares, como academias, escolas, centros de treinamento, salões de beleza, centros de estética, spas, ruas da cidade e parques. As diferentes

tecnologias, propagadas e divulgadas pela indústria do corpo, constroem e reconstróem, desmontam e remontam, tentam condicionar o ser humano como se ele fosse uma máquina [...]. (ROSA , 2003, p. 129)

Um outro aspecto ressaltado quando se fala em cuidar de si mesmo no lazer é a tentativa de evitar o *stress* diário. Quanto a esta questão Camargo (1998, p. 118) conclui em suas discussões que:

[...] não podemos evitar o estresse. Ele é condição da existência. Quando se propõem que devemos evitá-lo, na verdade, pretende-se apenas alertar contra situações insuportáveis ao organismo. O que nos cabe é administrar o estresse.[...] diversificar atividades, gestos e atitudes é uma boa forma de administrar o nosso estresse em níveis saudáveis.

O lazer, desde que diversificado, poderá ser a chave do equilíbrio emocional procurado pela sociedade e em especial pelos jovens questionados nesta pesquisa.

Conversar com amigos em casa	47,2%
Sair com amigos para bares, restaurantes, lanchonetes	34,26%
Assistir filme com amigos em casa	33,9%
Ir a clubes, praças	29,7%
Ler livros, jornais e revistas	24,82
Praticar esportes, ir a academias, dançar	18,88%
Participação em atividades religiosas	16%
Ir ao cinema, teatro, festas	12,23%
Cultivar animais e plantas	8,7%
Trilhas com amigos	8%
Viajar	7,3%
Fazer crochê, tricô, cozinhar	5,5%
Outros	2%

Tabela 01: PRINCIPAIS PRÁTICAS DE LAZER DOS JOVENS ENTREVISTADOS.

A partir dos dados coletados através dos questionários pode-se verificar que as práticas de lazer mais freqüentes entre os jovens são as conversas com amigos em casa, sair com amigos e assistir filmes em casa. Observa-se que os jovens têm mais contato com atividades calmas, de grande convívio social vivenciadas em ambientes domésticos. Este tipo de atividades, as quais abrangem os interesses sociais, como afirma Franch (2002, p. 122):

Permite aos jovens elaborarem visões de mundo compartilhadas, negociarem significados e criarem as cumplicidades que alimentam a existência dos diversos grupos de amigos. É o momento em que se tornam públicos aspectos aparentemente privados como paqueras, namoros, brigas e infidelidades. Também o evento cotidiano que permite aos jovens situarem-se no emaranhado de relações que se estabelecem na comunidade de outros jovens; informações estas que orientam a escolha de novos amigos e de namorados.

Pode-se notar na citação anterior, os inúmeros benefícios das práticas voltadas para o convívio social, mas é visível a influência dos problemas sociais para a escolha das mesmas. Sendo a violência um fator determinante na hora de decidir como e onde se divertir.

Como afirma o jovem 08: *“Hoje em dia o lazer das pessoas são mais em ksa... alguns jovens ainda se ariscam para uma festa ou algo parecido. Pois se vc vai em uma festa vc não sabe se volta pra ksa vivo.”* Com a mesma opinião o jovem 30, ainda complementa:

[...] hoje em dia nas ruas, praças, clubes não são mais lugares apropriados para o lazer porque existe muita violência então as pessoas preferem ficar trancadas em casa e praticar algum lazer do que saírem e correr riscos de vida.

Apesar do ambiente doméstico representar o alicerce para a construção da identidade humana, a redução das práticas de lazer ao “lar” pode significar sem dúvida, expor-se menos a contatos enriquecedores, significa submeter-se à cultura do grupo familiar restrito ou mesmo da sua própria classe sociocultural, representando, em suma, um risco de segregação cultural. (CAMARGO, 1998)

A redução das práticas de lazer a uma única área de interesse acontece muitas vezes pela falta de contato com outros conteúdos de lazer (MARCELLINO, 2000). Assim, para que se possa praticar diferentes possibilidades de lazer é preciso que estas sejam estimuladas e apresentadas aos seus praticantes, sendo possível somente através das relações sociais que ocorrem não apenas dentro de casa como também fora.

Um outro fator que contribui para que os jovens se divirtam com mais frequência dentro de casa é a questão financeira, pois como as práticas de lazer estão, em sua maioria, voltadas para o consumo, o provável é o gasto. Marcellino

(2000, p. 23) também considera o fator econômico uma barreira para o desenvolvimento do lazer, de acordo com o referido autor: “O fator econômico é determinante desde a distribuição do tempo disponível entre as classes sociais, até as oportunidades de acesso à Escola, e contribui para uma apropriação desigual do lazer”.

Dessa maneira, apesar do lazer ser um fenômeno social para “todos”, “nem todos”, verdadeiramente, vivenciam diferentes possibilidades, estando-as relacionadas às condições de vida da população.

Pode-se perceber ser a moradia o local onde os jovens vivenciam mais atividades de lazer. É provável que os mesmos estejam sofrendo influências na vida social do poder da mídia. Sendo a televisão o principal aparelho ideológico da comunicação, ela adentra na vida das pessoas e vai moldando os gostos, as atitudes, ou seja, a maneira de viver e se relacionar de uma população. Marcellino ainda complementa dizendo que:

Esse reinado da TV é exercido sobre um fiel público cativo, sobretudo por ser uma alternativa de lazer onde não é necessário grande investimento. E é também contra esse reinado que surgem as críticas e grandes interrogações sobre os seus efeitos. Suas influências na família, ou mais propriamente nas relações familiares. Sua contribuição para a alienação das pessoas, seus efeitos em crianças que ficam até quatro ou cinco horas, diariamente, expostas aos seus apelos. (2000, p.75)

Essa influência dos meios de comunicação, e em especial da televisão, ocorre de forma descontrolada em virtude da exigência de mercado por retornos financeiros, gerando um baixo nível das programações, não estando preocupadas com o desenvolvimento cultural da população. Faz-se urgente uma reflexão acerca da melhor forma de controlar os efeitos nocivos da mídia, mas corroboro com as palavras de Camargo (1998, p. 102-103) quando o mesmo diz que:

[...] Não é nada fácil na medida em que qualquer repressão, como censura, mostra-se descabida, improdutiva e inviável. Tal controle somente pode se dar por meio de dissuasão, de incitação ou de orientação, mas valorizando experiências positivas do que proibindo as negativas.

O que se propõe nesta obra, não é negar as inúmeras vantagens proporcionadas pela mídia, como se a mesma fosse um demônio da sociedade atual, mas utilizá-la para ampliar as possibilidades de lazer da população, em favor do seu desenvolvimento pessoal, social e cultural.

Viajar	52,09%
Fazer trilhas	31,11%
Ir ao cinema	29,37%
Praticar esportes	20,97%
Dançar	18,18%
Ir a festas	17,48%
Ir a clubes	13,98%
Ir ao teatro	12,23%
Sair para jantar	11,18%
Ler livros	8,39%

Tabela 02: O QUE OS JOVENS GOSTARIAM DE FAZER NOS MOMENTOS DE LAZER

Observa-se entre as práticas de lazer não realizadas entre os jovens, mas que gostariam de realizar, ser a viagem a mais citada, vindo logo em seguida fazer trilhas e ir ao cinema.

Verifica-se nos jovens da pesquisa um interesse pela descoberta, pela revelação de um mistério. Como afirma Camargo (1998):

A viagem é a própria síntese desta busca, proporcionando ao viajante conhecer novos costumes, novas formas de se alimentar, de circular nas cidades, novos tipos de pessoas, novas maneiras de administrar o cotidiano.

Com a viagem quebra-se a rotina, vivenciam-se estilos de vida diferentes, abrem-se oportunidades de enriquecer a sensibilidade humana, de experimentar e conviver com diversas culturas, ou seja, o cotidiano muda.

Então, no lugar do passo apressado do cotidiano, acontece a possibilidade do andar mais calmo, não-utilitário, apenas para observar. No lugar da paisagem monótona da própria cidade, surge a possibilidade de contemplar novos desenhos de cidades, novas arquiteturas de residências, edifícios, igrejas, quando não a oportunidade de apreciar o ambiente de matas, praias, rios e represas. Em vez dos horários apertados do cotidiano de trabalho, as pessoas podem dispor de forma diferente do seu tempo cotidiano para passeio, alimentação e sono. Em vez das roupas

comportadas exigidas nos rituais do dia-a-dia, entram em cena o calção, o maiô, roupas coloridas. (CAMARGO, 1998, p.45)

Mas, como viajar dispõe de mais recursos, sua prática acaba sendo de difícil execução. Esta afirmação pode ser constatada na pesquisa, quando se questionou o porquê de tais atividades não serem vivenciadas. Como resposta os jovens apresentaram a falta de tempo e os motivos financeiros.

Realmente, para se viajar é preciso dedicar um tempo considerável, porém isso não necessariamente acontece com as atividades: “trilhas” e “cinema”. O que se verifica é uma acomodação dos jovens nos ambientes domésticos. Estando esta atitude relacionada aos motivos financeiros, sendo difícil para os jovens divertir-se sem dinheiro. Isso leva a perceber, nos mesmos, uma atitude de consumo conformista.

Em alguns casos, a injusta distribuição de renda, gera baixo nível de qualidade de vida, sendo necessário trabalhar no “tempo livre”, que seria destinado ao lazer. Os jovens que estudam e trabalham, abdicam de momentos de lazer durante a semana. Ainda, dificilmente as férias escolares coincidem com a do trabalho, o que pode vir a causar conseqüências desastrosas do ponto de vista da saúde global⁶ e do prazer de viver (BERGOLATO, 2005).

As práticas esportivas, também merecem destaque entre os interesses que os jovens gostariam de praticar, mas não o fazem com freqüência. Este fato nos reporta a identificar os possíveis motivos justificadores da questão. Um dos motivos é provável que seja a dificuldade de formar grupos interessados em tais atividades, devido a exigência de performance semelhante ao “esporte espetáculo”, contribuindo para a formação de “elites representativas”.

Outro aspecto que merece destaque é o descaso com equipamentos específicos para a realização das práticas de lazer, sendo escasso as políticas públicas no sentido de melhorar o acesso as mesmas. O que se percebe no setor público são barreiras difíceis de serem transpostas, verificando uma interdependência das três esferas de poder. Sendo o município dependente do estado e este da união.

Observa-se também uma má vontade política dos dirigentes que estão à frente destas instituições. Quanto a este assunto Marcellino (2001, p. 14) acrescenta:

⁶ Saúde mental, corporal, social.

Muito pouco tem sido feito no setor, o que, em alguns casos não significa ausência de recursos, mas má utilização, devido à ausência de parâmetros norteadores da ação. O que se verifica na maioria das vezes, é uma mistura do preconceito, ainda existente em algumas áreas, com a incompetência, muitas vezes mascaradora de discursos até ditos “transformadores”.

Assim, é preciso ações urgentes por parte dos governantes, é necessário considerar o lazer, na vida moderna, como um tempo dedicado a vivências que nos leve a mudanças de valores e atitudes.

3.2 O lazer da escola para os jovens entrevistados

Como última análise para este trabalho, será exposta a opinião que os jovens apresentaram ao serem questionados se a escola que estudam, oferece lazer. Logo em seguida, os mesmos sugeriram algumas atividades, buscando favorecer o bem estar do aluno, quando estes estiverem na instituição.

A primeira análise partirá da questão: como os jovens vêem o lazer da escola? Mais de 80% responderam que a escola não tem ou tem pouco lazer. Entre as respostas, para efeito de estudo, foram selecionadas as que estão a seguir:

Aluno 29: *“Para me a escola tem um único lazer, a prática da educação física, portanto ela pode oferecer outras, festinhas em datas comemorativas e etc...”* (Síntese escrita)

Aluno 30: *“A escola nos propõem a educação física que é um momento de lazer os momentos de festas dentro das salas e o recreio. Mais poderia criar mais momentos de lazer dentro das escolas seria tanto proveitoso para us alunos quanto para us professores. Teríamos mais disposição para freqüentar as aulas.”* (Síntese escrita)

Aluno 31: *“Na escola não têm muito lazer... mais as vezes temos um pouco de lazer pois tem a aula de educação física....”* (Síntese escrita)

Aluno 32: *Na escola não tem lazer em minha opinião é algo bem rígido. Em minha opinião era pra dar menos rigidez, ter mais diversão para seus alunos para que eles se sentisse bem melhor nos horários vagos.”* (Síntese escrita)

Aluno 33: “Na escola pelo modo que ela estar hoje não tem muitos meios de se divertir mais tem a quadra onde pode a ver vários momentos de lazer...” (Síntese escrita)

Aluno 34: “Na escola estado da Bahia não têm divertimento, ficar na sala de aula é um tédio, só é bom quando tem aula prática de educação física.” (Síntese escrita)

Aluno 35: “A escola tem pouco lazer só tem diversão já no finzinho do ano que são com a gincana e o interclasse, ela oferece muito pouco.” (Síntese escrita)

Pode-se perceber, na maioria dos jovens entrevistados, uma certa insatisfação quanto à questão do lazer promovido pela instituição. Para os mesmos, a escola poderia oferecer mais momentos de lazer.

O tédio foi uma palavra apresentada pelos alunos para definir os momentos em sala de aula. Este fato nos leva a perceber a necessidade que estes sentem de libertar-se da rotina escolar. Fato que nos leva a observar que cada vez mais há nos estudantes, uma reivindicação de participar na definição do programa escolar.

A rotina não é o único fator que influencie o desinteresse dos alunos, mas não há dúvidas, que os modelos tradicionais que permeiam na educação não estão mais contemplando as necessidades dos jovens. Sendo interessante se beneficiar de situações e valores vivenciados no lazer para a transmissão dos conhecimentos.

Mas não se pode confundir a orientação e motivação com o simples deixar fazer. Como afirma Marcellino:

[...] muitas vezes os professores confundem omissão com *facilidades* para *liberdade de expressão*, não participando do processo de desenvolvimento de atividades, encarando-as, assim, como fins em si mesmas e não como parte de um plano de objetivos educacionais a serem atingidos. O professor passa a funcionar como mero espectador, em atitudes que disfarçam certo comodismo. (1987, p. 97-98)

Esse tipo de atitude é muito comum entre os professores das matérias mais diretamente ligadas à iniciação aos conteúdos culturais do lazer. Esta situação é muitas vezes justificada pelos profissionais em virtude da desvalorização destas disciplinas no espaço escolar.

O que é preciso e Marcellino (1987) julga necessário, é haver um ponto de equilíbrio entre disciplina e prazer, sendo a negação de um destes elementos,

causador do desvirtuamento da formação humana. Essa busca deve envolver educadores, pais e alunos, mas sem camuflar situações de poder, sem disfarçar incompetências técnicas ou falta de recursos, sem discursos demagógicos que procurem esvaziar, cada vez mais, o já pouco conhecimento ministrado nas escolas e assim contribuir para impossibilitar a passagem de situações de senso comum para consciências críticas.

As práticas de lazer vivenciadas pelos alunos no cotidiano escolar, de acordo com os mesmos, restringem-se as aulas de Educação Física. Citou-se também, por uma minoria, a biblioteca, as gincanas, os interclasses⁷ e o recreio. Tal fato nos reporta novamente para Marcellino, este comenta que historicamente

[...] a educação para o lazer, no campo da educação formal, tem sido quase sempre restrita, de um lado ao esporte - "educação física", portanto, mais diretamente ligada aos interesses físicos, e de outro à literatura, música e desenho, com preponderância desse último, portanto, mais diretamente ligada aos interesses artísticos e intelectuais. (1987, p. 122)

Todos estes interesses citados, pelo referido autor, como mais presentes no ambiente escolar, são de suma importância para a construção de uma educação capaz de contemplar todos os aspectos culturais da sociedade, porém o que se questiona é a falta de sintonia entre professores, núcleo gestor e alunos, na busca de inovar e interligar as disciplinas com os diferentes conteúdos culturais do lazer em um único fim: o desenvolvimento integral do aluno. Pois como afirma Marcellino (2000):

[...] o ideal seria que cada pessoa praticasse atividades que abrangessem os vários grupos de interesses, procurando, dessa forma, exercitar, no tempo disponível, o corpo a imaginação, o raciocínio, a habilidade manual, o relacionamento social, o intercâmbio cultural e a quebra da rotina [...] (p.18-19)

Entre os alunos, as atividades mais bem votadas para serem implementadas na escola foram: aulas de campo, festas, cinema e teatro. De acordo com a aluna 02:

⁷ Evento Esportivo oferecido pela escola, visando integrar os alunos. Cada classe irá formar sua equipe e esta concorrerá na escolas com as demais equipes.

A escola pode sim oferecer lazer para seus alunos e isso é até importante para que eles não se sintam entediados ao frequentar a escola. E o núcleo da escola pode oferecer a diversão para seus alunos da seguinte forma: fazendo sempre atividades diferentes no decorrer do ano para quebrar a rotina, oferecer a atenção suficiente aos alunos, tudo isso entre outras coisas, e tudo vale a pena para ter alunos satisfeitos com a escola em si, e com isso eles poderão ter até uma melhor aprendizagem no decorrer do ano.

Mediante tais palavras, reforçar a necessidade de inovação pedagógica é um fato, sendo um dos primeiros desafios no âmbito educacional proporcionar aos jovens, alternativas de lazer, que venham a contribuir para a formação de hábitos saudáveis por toda a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante toda a discussão, procurou-se valorizar a temática lazer, enquanto necessidade social a que todos tem direito. Não porque compensará os momentos de trabalho ou tão pouco por recuperar a mão de obra, mas por que todo ser humano precisa sentir-se bem sozinho e com os outros.

Não se pretendeu aqui negar a importância da formação profissional dos alunos na escola, ou a importância do trabalho na sociedade capitalista presente no contexto atual. O que se propõe é a inclusão do lazer na vida social, dando oportunidades das pessoas vivenciarem diferentes práticas pertencentes à sua cultura.

Com relação aos significados atribuídos ao lazer pelos jovens da pesquisa os resultados obtidos condizem com a hipótese. Portanto, os jovens possuem uma visão funcionalista do lazer, assumindo características de lazer alienado, ou seja, é considerado um tempo de paz social, possibilitando ao indivíduo se recuperar dos dias de trabalho, sendo um espaço em que se pode desviar-se das normas sociais. Este lazer atende as necessidades do sistema e formam sujeitos sem identidade.⁸

Nesse processo de alienação do lazer, há um comércio de serviços organizados para as pessoas que desejam fugir da condição de explorado, sendo vendida experiências que irão fazer com que estes venham a esquecer as mazelas da vida, mediante a fruição de entretenimentos superficiais e prazeres imediatistas, que substituem a insatisfação, por um mundo de sonho e fantasia, ao menos instantaneamente (PARKER, 1978 Apud SÁ, 2003).

Neste contexto, o tempo que poderia ser considerado livre das obrigações cotidianas passa a ser um tempo que retém o consumo, pois que é totalmente controlado, de maneira a sustentar a acumulação de riquezas do capitalista.

Apesar do consumismo influenciar a maneira de utilizar-se do tempo livre, as conversas cotidianas, ou seja as relações sociais em geral constituem-se na principal vivência de lazer entre os jovens. Fato ocasionado pelas questões socioeconômicas e o medo da violência.

⁸ Sem pensamento próprio, acrítico, incapaz de formular uma síntese a partir do que se deseja e do se propõe.

Na verdade, os jovens gostariam de ter acesso a viagens, a momentos capazes de tirá-los do mundo real para o imaginário, para poderem aproveitar dos bens e serviços expostos pelas empresas de turismo. Essa necessidade é influenciada pelo poder da mídia, a qual procura controlar a vida do cidadão em prol do capitalismo e da riqueza de uma minoria.

Diante desse modelo capitalista presente na sociedade brasileira, cabe aos profissionais da educação romper com as amarras que reafirmam a visão funcionalista aqui abordada e propor um projeto histórico voltado para a sociedade, sendo o lazer apresentado à classe trabalhadora como um direito social, assim como o trabalho e a educação.

Para isso é preciso que os profissionais da educação tenham uma consciência social e cultural independente, liberta e revolucionária, precisa contar com os meios próprios da cultura, com domínios de técnicas específicas de sua área de trabalho, assim como ter compreensão da realidade.

Porém, o que se verifica são aulas entediantes, cheia de informações dissociadas da realidade do aluno, sem inovação pedagógica, solidificada nos modelos tradicionais. Nesse contexto, o aluno absorve o que o professor explica, e as aulas são, na maioria, restritas a salas fechadas.

Apesar da escola possuir amplos espaços, de acordo com os alunos, os professores não se utilizam do mesmo, este só é utilizado no momento do intervalo e nos poucos eventos comemorativos. Nesta realidade a Educação Física é responsável por grande parte dos momentos de lazer da escola.

Mas a escola poderia oferecer mais oportunidades para que o aluno encontre satisfação em práticas construtivas. Como os próprios alunos sugeriram, esta poderia oferecer aulas de campo, promovendo desta forma, um intercâmbio cultural, o que é de grande riqueza para a formação do aluno enquanto cidadão.

Para tanto, é preciso investir em novos espaços, instrumentos e profissionais, construindo uma estrutura capaz de implementar esse enorme desafio. É tarefa dos governantes e de toda a população ajudar na construção de um lazer emancipatório. “Quem sabe, então, resgataremos o ideal greco-romano de existência - para alguns o que de melhor a civilização humana já produziu - mas sem os escravos” (CAMARGO, 1998, p. 155). Os jovens estudantes precisam ser educados a perceber:

[...] que não somos mais aquela ameoba que deveria amearhar tudo o que estivesse ao seu alcance. Precisa-se é mostrar desde muito cedo e com todos os recursos pedagógicos disponíveis, que hoje possuímos muito mais do que é necessário e somos muito menos do que poderíamos ser. (Camargo, 1998, p. 155)

Dessa forma faz-se necessário parar! Parar de trabalhar exageradamente, de se esforçar exageradamente em busca de um patamar de riqueza, como se isso fosse garantia de felicidade. Não é preciso correr, é necessário apenas que se desenvolvam dentro do ser humano virtudes da ociosidade criativa, para que se possa desfrutar dos momentos da vida da maneira mais plena possível.

A escola não precisa ser “o fardo” carregado pelo o aluno, ela deve se articular na busca de uma aprendizagem pela satisfação, se aproximando mais do lúdico, com menos autoridade e mais liberdade, menos coação e mais formas de assumir prazerosamente as tarefas, menos formalidades e mais investimento pessoal, procurando assumir uma polivalência cultural.

O universo escolar precisa considerar a educação não formal, as diferenças, acreditar em uma co-educação, sendo esta uma ótima estratégia para a ampliação das práticas de lazer. É preciso que se exercite mais o diálogo, considerando a opinião do outro para a construção de convicções sólidas. Quem sabe, com essas atitudes pare-se de considerar os velhos como meros sobreviventes e os adolescentes como simples miniaturas de adultos.

Faz-se necessário educar para a vida, não apenas a vida do trabalho, mas para todos os momentos da existência humana, onde se possa encontrar satisfação. Diante de tais reflexões conclusivas, pode-se apontar alguns indicadores para a construção de um lazer emancipatório:

- Crítica revolucionária, na busca da construção de um projeto histórico de sociedade, em que o trabalho e o lazer não sejam alienados;
- Elaboração de conhecimentos sobre lazer que busquem dissolver o mundo de aparência para atingir a realidade das contradições da sociedade capitalista;
- Investir na formação dos professores e profissionais do lazer, para que estes venham a contribuir para a formação dos hábitos de lazer dos seus alunos. E não estejam subordinados as leis do mercado e as demandas do processo de acumulação de capital.

- Montar estratégias para que se venha a descobrir o real objetivo histórico da classe dominante, com relação às criações e convicções fixadas pela sociedade capitalista.
- Investir em políticas públicas voltadas para o lazer, dando oportunidade da população vivenciar e se identificar, com praticas prazerosas e construtivas, promovendo a formação humana do homem.

Portanto, é significativo que outros estudos sejam realizados, onde se possa discutir sobre a educação para o lazer em instituições escolares. Estando este ambiente comprometido com a construção crítica dos jovens, cabe a esse espaço social discutir sobre a questão do lazer na sociedade. Já se tem a liberdade para criar essa nova realidade histórica, o que falta é realmente acreditar em suas possibilidades e lutar por elas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. Tempo de trabalho e tempo livre: algumas teses para discussão. In: BRUHNS, H. T. (org.). **Temas sobre Lazer**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

BRACHT, Valter. Educação Física Escolar e lazer. In: WERNECK Christianne Luce Gomes; ISAYAMA Hélder Ferreira. (org.). **Lazer, Recreação e Educação Física**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BRUHNS, Heloisa Turini. Relações entre a educação física e o lazer. In: BRUHNS, Heloisa Turini. (org.). **Introdução aos estudos do lazer**. SP: Editora Unicamp, 1997.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Educação para o lazer**. SP: Moderna, 1998.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. RJ, n. 24, p. 40-52, Dez 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?>>. Acesso em: 20 Jul. 2007.

FORMIGA, Nilton Soares. AYROZA, Igor. DIAS, Lunna. Escalas das atividades de hábitos de lazer: construção e validação em jovens. In: **Revista de psicologia**. Editora Vetor, v.6, nº2, p.71-79, jul./Dez 2005.

FRANC, Mônica. **Nada para fazer? Um estudo sobre atividade no tempo livre entre jovens de periferia no Recife**. In: Revista Brasileira de Estudos de População, v.19, n.2, jul/dez. 2002.

FRANÇA, Tereza Luiza de. Educação para e pelo lazer. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.). **Lúdico, Educação e Educação Física**. 2ªed. Ijuí - RS: Unijuí, 2003.

GEBARA, Ademir. Considerações para uma história do lazer no Brasil. In: BRUHNS, Heloisa Turini. (org.). **Introdução aos estudos do lazer**. SP: Editora Unicamp, 1997.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. Coleção Magistério. 2º grau. Série formação do professor.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Lúdico e Lazer In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.). **Lúdico, Educação e Educação Física**. 2ªed. Ijuí - RS: Unijuí, 2003.

_____. **Lazer e Esporte: políticas públicas.** Campinas, SP: Autores Associados, 2001

_____. **Estudos do lazer: uma introdução.** Campinas SP: Autores associados, 2000.

_____. **Lazer e Educação.** Campinas SP: Papyrus, 1987.

MARINHO, Inezil Penna. Escólios axiológicos à problemática jurídica do lazer – o lazer como importante fator na “qualidade de vida” do trabalhador. In: GOELLNER, Silvana Vilodre. (org.). **Coletânea de textos. / Inezil Penna Marinho**; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2005.

MASCARENHAS, Fernando. Lazer e educação popular. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2001, Caxambu. Sociedade, ciência e ética: desafios para a educação física/ciências do esporte. **Anais...** Caxambu: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2001.

_____. **O pedaço sitiado: cidade, cultura e lazer em tempos de globalização.** In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas V. 24. nº3, p. 121-143, maio 2003.

MELLO, Victor Andrade de. **Introdução ao lazer.** Barueri, SP: Manole, 2003.

MELLO, Míriam Moreira de. O Lúdico e o Processo de Humanização. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.). **Lúdico, Educação e Educação Física.** 2ªed. Ijuí - RS: Unijuí, 2003.

OLIVEIRA, Candido. **Dicionário Mor da Língua Portuguesa.** Curitiba: Bolsa Nacional do Livro, 2005.

OLIVEIRA, Paulo Sales. O lúdico na vida cotidiana. In: BRUHNS, Heloisa Turini. (org.). **Introdução aos estudos do lazer.** SP: Editora Unicamp, 1997.

OLIVIER, Gilvanina Gomes de Freitas. Lúdico e Escola: entre a obrigação e o Prazer. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.). **Lúdico, Educação e Educação Física.** 2ªed. Ijuí - RS: Unijuí, 2003.

ROSA, Maria Cristina. Corpo e cultura. In: WERNECK Christianne Luce Gomes; ISAYAMA Hélder Ferreira. (org.). **Lazer, Recreação e Educação Física.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SÁ, Kátia Oliver de. **Lazer, trabalho e educação: pressupostos ontológicos dos estudos do lazer no Brasil**. Salvador: 2003. Dissertação (mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia.

SILVA, Maurício Roberto. Sonhos de Criança: trabalho ou lazer. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.). **Lúdico, Educação e Educação Física**. 2ªed. Ijuí - RS: Unijuí, 2003.

TERSARIOL, Alpheu. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. Erechim RS: Edelbra, 2000.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. **Recreação e Lazer: Apontamentos Históricos no Contexto da Educação Física**. In: WERNECK Christianne Luce Gomes; ISAYAMA Hélder Ferreira. (org.). **Lazer, Recreação e Educação Física**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

APÊNDECES

APÊNDICE - A**QUESTIONÁRIO REALIZADO COM OS ALUNOS DA EEFM ESTADO DA BAHIA**

01. O que você faz nos seus momentos de lazer com mais frequência?

- a) Saio com amigos para ir a lanchonetes, bares ou restaurantes
- b) Pratico esportes, vou a academias, danço
- c) Cultivo animais e plantas
- d) Faço crochê, Tricô, cozinho
- e) Leio livros, jornais revistas
- f) Vou ao cinema, teatro, festas
- g) Viajo
- h) Converso com amigos em casa
- i) Assisto filme com amigos, em casa
- j) Vou a clubes, praças
- l) Faço trilhas com amigos
- m) participo de atividades religiosas

02. Qual a frequência de suas atividades de lazer?

- a) Uma vez por semana
- b) Uma vez por mês
- c) Quinzenalmente
- d) Não faço com frequências

03. O que você não faz nos momentos de lazer que gostaria de fazer?

- a) Ir ao cinema
- b) praticar esportes
- c) dançar
- d) Ir a festas
- e) Viajar
- f) Ir a clubes
- g) sair para jantar
- h) fazer trilhas
- i) ler livros
- j) Teatros
- l) Outros: _____

04. Por que não faz?

- a) motivos financeiros
- b) falta de Companhia
- c) pela distancia
- d) Meus pais não deixam
- e) Outros: _____

05. Sua escola oferece atividades extra classe?

- a) Sim: _____
- b) Não

06. Se ela promovesse você participaria?

- a) Sim
- b) não

07. Que eventos a escola poderia oferecer visando ampliar suas atividades de lazer?

- a) Cinema
- b) atividades esportivas
- c) Teatro
- d) Leituras
- e) Performance Poéticas
- f) Não acho ser papel da escolar ampliar nossas atividades de lazer

08. Na sua Comunidade existem espaços que oferecem práticas relacionadas ao lazer? Ex: Cinema, teatro, bibliotecas, festas, clubes etc.

- a) Não
- b) Sim: _____

09. Você utiliza da renda mensal de sua família, para suas atividades de lazer? Com que frequência?

- a) Não, minhas atividades não precisam de dinheiro
- b) Não, o dinheiro da minha casa só é para as despesas comuns.
- c) Sim, às vezes quando surge
- d) sim, todo final de semana
- e) sim, Quinzenalmente

10. Qual a sua idade em junho de 2007:

- a) menor de 17 anos
- b) de 17 a 18 anos
- c) de 19 a 21anos
- d) de 22 a 24 anos
- e) acima de 24 anos

11. Sexo

- a) masculino
- b) feminino

12. Onde se localiza sua residência

- a) na cidade de Crato
- b) nos distritos de Crato

13. Você tem atividade remunerada?

- a) sim
- b) não
- c) às vezes

14. Você contribui na renda familiar de sua casa

- a) sim
- b) não
- c) sou o único responsável pela renda da família

15. Renda mensal (total) da família

- a) até 1 salário mínimo
- b) acima de 1 até 2 salários mínimos
- c) acima de 2 até 3 salários mínimos
- d) acima de 3 até 4 salários mínimos
- e) acima de 4 salários mínimos

APÊNDICE – B**PERGUNTAS NORTEADORAS PARA A ELABORAÇÃO DE UM TEXTO PELOS ALUNOS**

1. O que é lazer pra você?
2. O que você busca no lazer?